

A segunda experiência, e a mais decisiva, é, com efeito, a do amor, porque constitui a primeira brecha no mundo coisificado no qual nos encerramos os postulados do positivismo. Não estamos rodeados só de natureza inerte e de objectos, aos quais temos de dominar e possuir, como pretendia Descartes. Na realidade que nos rodeia há rostos e, por detrás deles, algo que não é só um objecto, um 'não-eu', mas sujeitos. Um rosto não é só uma imagem mas um sinal. Um sinal que designa, para além de tudo o que se percebe, uma presença e um sentido".³⁷

A experiência do amor, da doação ao outro, não só é necessária para a experiência da transcendência, como é fonte de realização.

A terceira dimensão, é a criação:

"A terceira experiência da transcendência é a criação, desta criação continuada do homem pelo homem, por todos os homens e todos os dias, a que se chama 'história'. E não só a história dos utensílios e da técnica que efectivamente contribuíram para a construir, e muito menos das guerras e dominações que não cessaram de destruí-la, mas de todos os projectos vitoriosos ou truncados que procuraram chegar ao homem na sua globalidade»³⁸.

A criação não pode continuar a ser um círculo fechado onde a razão humana não vê mais que os fenómenos. Ela tem de ser encarada como o livro aberto, com fortes interrogações e que nos abre para o que hoje parece ultrapassar-nos, a questão do sentido, a sua finalidade. Bela a imagem a de S. Paulo: "Sabemos, com efeito, que toda a criação tem gemido e sofrido as dores de parto, até ao presente" (Rom 8, 22).

JOÃO LAVRADOR

³⁷ *Ib.*, 182.

³⁸ *Ib.*, 188.

Função profética da vida consagrada

É o tema que nos foi atribuído. Sem especiais dons de profecia, tentaremos expôr o que nos parece conveniente para esta circunstância, tendo em conta a unidade no evidente, a liberdade no opinável em vista da unidade complementar.

I. A missão profética em geral

1. Sabemos que a revelação explícita e escrita ficou encerrada com a morte dos Apóstolos e Evangelistas, mas também temos consciência que a acção profética, a intervenção explicitadora pelos seus fiéis e mediante a leitura pertinente dos sinais dos tempos, continua actuante no Mundo e especialmente na Igreja; esta é destinada a ser sinal escatológico para as Nações, para ser sacramento em cada tempo e para todas as pessoas disponíveis, capaz de fornecer critérios sadios de avaliação sobre o *provisório* e o *definitivo* na vida das pessoas e das comunidades religiosas que se vão sucedendo, construindo o Reino definitivo no Mundo provisório.

2. Qualquer texto poderá ter leituras plurais, mesmo buscando descortinar a intenção dos respectivos autores, o contexto sócio-cultural, as circunstâncias e os objectivos visados. Mesmo a hermenêutica mais cuidada e exigente não deverá fechar a dinâmica dos textos. E, tratando-se de perspectivas de profecia, do já e do ainda não, mais se poderá alargar a amplidão da mensagem proposta (cf. I, II, 106, 2).

Sem pretender entrar em complexos e opináveis meandros exegéticos, parece-nos possível e pertinente encontrar uma certa linha de leitura

coerente no contexto religioso judaico-cristão, tendo em conta o tema que nos foi atribuído para esta circunstância:

- a. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o Profeta é “aquele que vê primeiro”, que intui, antevê ou entende, por dons naturais e, preferentemente, por original carisma de profecia, qual é o projecto de Deus, tendo em conta situações históricas concretas. É frequente depararmos com intervenções denunciadoras de situações de desvio, de fuga à Verdade na fidelidade à Aliança de Deus com o Povo, da degradação sistemática da vocação humana: *realizar livremente a felicidade e a santidade*. Por vezes a mensagem destina-se à comunidade, outras visa preferentemente os dirigentes, aqueles que têm missão de liderança, de cuidar adequadamente do Povo.
- b. Parece-nos claro que o dom da Profecia não tem fronteiras: irrompe inesperadamente em qualquer meio sociológico, cultural e religioso, onde há gente de boa vontade desperta, personalidades diversificadas, independentemente do respectivo papel, função e estatuto na sociedade. O que parece comum a todos os que exercem o dom profético é a *clara consciência de que são mediadores*, que transmitem uma mensagem que passa por eles e os ultrapassa, enquanto vem de Deus e destina-se ao verdadeiro bem das Pessoas e comunidades visadas pela intervenção profética.
- c. O estilo ou modalidade de transmissão é variável; mas é frequentemente expressa por palavras, atitudes e comportamentos simbólicos, recorrendo a modalidades diversificadas e de insistência clarificadora, frequentemente em vivo e sugestivo estilo apocalíptico. E é um facto que os dons carismáticos quase sempre são acompanhados de notável força interpelativa e de *sadia coragem para testemunhar*, correndo os riscos julgados necessários e convenientes. Por isso mesmo muitos foram excluídos e outros martirizados no exercício corajoso da respectiva missão mediadora.
- d. Estatisticamente talvez prevaleçam as atitudes de ameaça e de avisos, ora mais ou menos velados, ora concretos e evidentes.

Mas também surgem as modalidades de suscitar, de estimular a esperança e alimentar o esforço na difícil fidelidade do “pequeno resto”.

A denúncia e o anúncio, as propostas de mudança, a emenda de vida e os apelos à conversão são acompanhados da promessa que Deus, infinitamente paciente e exigente, espera o regresso e compensa o esforço dos que assumem os preceitos da Aliança em todas as situações da vida pessoal e social.

De facto as intervenções mais vigorosas, a crítica mais mordaz, são contra o poder político, o poder religioso, hipócrita e avassalador, e o poder do dinheiro. Todas estas formas de poder a coberto da defesa das Instituições, frequentemente, oprimem os pobres e dão cobertura à corrupção desavergonhada.

Nestes contextos, o carisma profético reveste a *função catártica de denunciar*, de modo explícito e em nome do Deus vivo e atento, aqueles que injustamente retiram a voz e a vez às pessoas que têm direito a serem livres e a partilhar a vida de modo responsável, complementar e solidário.

Esta solidariedade incondicional para com os injustamente oprimidos, é uma das constantes para reconhecer a autenticidade do dom da profecia.

- e. Um outro aspecto, que mereceria ser mais largamente tratado, é a clara consciência de que o carisma profético tendencialmente se viria a generalizar e se estenderia a toda a comunidade fiel. Esta universalidade parece explícita no terceiro capítulo de Joel:

“Depois disto, acontecerá que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne. Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão. Os vossos anciãos terão sonhos, e os vossos jovens terão visões. Naqueles dias, derramarei também o Meu Espírito sobre os escravos e as escravas. Farei aparecer prodígios no céu e na terra, sangue, fogo e turbilhões de fumo. O sol converter-se-á em trevas e a lua, em sangue, ao aproximar-se o grande e terrível dia do Senhor. Todo o que invocar o nome do Senhor será salvo, porque, sobre o monte Sião e em Jerusalém, estará o resto dos que foram salvos, como o Senhor disse. E entre os sobreviventes estarão os que o Senhor tiver chamado”.

Esta consciência difundiu-se, de modo explícito, na comunidade nascida da Páscoa de Jesus Cristo, como sendo o cariz do novo

Israel. E assim seria finalmente superada a constante tensão vivida e sofrida até então entre a Instituição e o dom da profecia. Esta nova situação está largamente documentada nos textos do Novo Testamento. A título indicativo, e seria útil verificar, indicaremos: Lc.11, 49; Act. 2, 17; 13, 1; Ef. 2, 20; 3, 5 e 4, 11; I Cor.12, 28; I Jo. 2, 2 e Ap. 18, 20.

Estas e outras referências confrontadas, v.g., com Jer. 31, 31, 34 e Ez. 36,24-28 parecem indicar que o papel do profeta é testemunhar, sem equívocos, a vontade de Deus; os novos profetas, os novos mediadores são as testemunhas oficiais do Cristo ressuscitado, presente e actuante na comunidade eclesial, que crê, vive e celebra a fé.

- f. De facto a "Didaké" (11, 3 e 15, 1), uma espécie de catecismo da Igreja primitiva, coloca como fundamentos da Igreja, os Apóstolos, os Profetas e os Mestres, cuja missão é testemunhar, anunciar e ensinar fielmente o testemunho confiado por Jesus Cristo à comunidade.

Mas, a partir do séc. III, a Instituição eclesiástica insiste preferentemente na sucessão apostólica, desenvolve a dinâmica clerical e dissolve-se, desvanece-se, ou pelo menos perde prestígio institucional, a dimensão profética. Embora não seja propriamente negada, deixa de ter a dinâmica estimuladora da vida cristã de qualidade.

E parece-nos útil passar a um breve apontamento sobre a história da vida consagrada, com funções de carisma profético, sem esquecer a carta a Diagoneto, em que inicialmente a vida cristã fundava-se no Baptismo e era vivida de forma laical, partilhando a vida com todos os membros da comunidade civil, predominantemente pagã.

II. História da Igreja e a consagração religiosa como anúncio escatológico

Uma rápida olhadela à História da Igreja revela-nos que a vida religiosa consagrada, sob as mais variadas formas e formulações circunstanciais, converge em alguns elementos característicos que identificam a sua originalidade, qualquer que seja a inovação/renovação e a continuidade:

1. A vida religiosa consagrada surgiu e surge pois no interior da Igreja; é um acontecimento eclesial, no seguimento fiel e radical de Jesus Cristo, por intervenção do Espírito carismático, *para denunciar os desvios, anunciar e viver corajosa e profeticamente os valores escatológicos*, o que é verdadeiramente válido e definitivo.

Até ao séc. IV, a grande manifestação e prova do seguimento incondicional de Jesus, foi o martírio. Muitos desses cristãos coerentes ficaram registados como modelos coerentes de ascetas e virgens, incondicionalmente dedicados a Jesus Cristo.

2. Todavia, quando o cristianismo se tornou religião oficial do Estado e a Igreja construiu Basílicas e Catedrais, muitos dos sucessores dos Apóstolos e Clero instalaram-se em palácios, a imagem do poder político foi assimilada ou pelo menos imitada pela Igreja.

Foi neste clima de crmandade, tendencialmente burguesa e instalada, que surge o protesto profético. O monacato e a fuga para o deserto e depois os mosteiros com uma atitude crítica ou profética, chamando a atenção para o significado das Bem-aventuranças, como vemos referido no Decreto "Perfectae Caritatis":

"Desde os primórdios da Igreja existiram homens e mulheres que se propuseram, pela prática dos conselhos evangélicos, seguir a Cristo com maior liberdade e imitá-l'O mais de perto e levaram, cada qual a seu modo, a vida consagrada a Deus".

3. Progressivamente tornaram-se famosos os Apotegmas e Sentenças dos Anciãos, as Fraternidades de S. Basílio, S. Martinho, S. Columbano e de Cassiano. Entre elas, foi a Regra de S. Bento que mais influência teve na estruturação do ideal "Ora et labora" de modo organizado e estável.

Mas, da conveniente estabilidade, passou-ser para a instalação acomodatória. Foi contra essa atitude de decrepitude monástica que surgiu a reforma de Cluny; ela pretendeu retomar o ideal do monaquismo profético no meio do povo, que S. Bernardo aprofundou e estruturou. Mas os sucessores esqueceram-se e acomodaram-se.

4. Nos sécs. XII e XIII desmorona-se o mundo feudal e a Igreja oficial, poderosa e instalada, teve dificuldade em perceber os sinais de viragem nessa encruzilhada da História.

É nesse contexto de deslocação para as cidades que surgem os Mendicantes pela mediação de S. Francisco e S. Domingos, entre outros. Francisco é o símbolo do carismático, poeta, pobre e livre, capaz de revolucionar, pela pobreza, a Igreja instalada. Domingos, pelo carisma da vida evangélica, estabelece a pregação à semelhança dos Apóstolos, construindo comunidades nas cidades, nomeadamente nas universitárias, para testemunhar a fraternidade e anunciar o Evangelho com total liberdade e força profética.

É neste contexto de família que surgiram duas grandes figuras femininas: Santa Clara e posteriormente Santa Catarina de Sena, com uma clara intervenção carismática e eficaz junto do Papa de Avinhão, concorrendo para a solução do Cisma. E ambas inovaram na constituição das fraternidades femininas, tanto contemplativas como activas.

As quebras de ritmo e de rendimento espiritual provocaram tentativas de Reformas Institucionais. Entre os Reformadores destacaram-se os inconfundíveis Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz na antiga família carmelita.

5. No turbulento e promissor séc. XVI surgiu o grande cavaleiro basco, Santo Inácio de Loyola, para responder cristamente aos desafios da Reforma e da Evangelização dos mundos descobertos. Organizada a Companhia de Jesus, colocou-a ao serviço do Papa, com um voto especial de total disponibilidade. Tornou-se efectivamente apostólica, universal, eficaz e com grande poder institucional e de intervenção, tanto no Mundo como na Igreja.

6. Nos séculos posteriores e até aos nossos dias foram e vão surgindo numerosas instituições religiosas e laicais, masculinas e femininas, adaptadas aos tempos e às situações locais, regionais ou mundiais. Teresa de Calcutá tornou-se o símbolo do evangelismo sem fronteiras, ao serviço incondicional dos marginais sem eira nem beira.

Mas o que parece um triste fatalismo é que aos movimentos dos generosos e carismáticos fundadores, inovadores e reformadores, na linha da mais pura fidelidade ao radicalismo evangélico, a prazos mais ou menos longos, quase sempre sucede a queda nas malhas da instalação, da acomodação medíocre, caindo na tentação de disfrutar do poder, perdendo o poder crítico e profético das fundações.

7. De facto o Concílio Vaticano II retomou, proporcionou e permitiu o aprofundamento da genuína tradição carismática na Igreja. Somos in-

clinados a crer que naquele contexto, o grande profeta, realmente o maior, foi João XXIII, aquele que “viu primeiro” e desencadeou o processo de abertura colectiva da Igreja à acção do Espírito. Inesperadamente e contra as poderosas resistências dos Velhos do Restelo, correu o risco medido de confiadamente convocar o Concílio, em Janeiro de 1959. Constatava-se que os carismáticos, com mais ou menos impacto, iam surgindo para despertar ou estancar as crises das Instituições; agora é o Papa que faz chegar a hora duma revisão geral dos conceitos de Igreja e do estilo pastoral no conjunto das suas intervenções de serviço.

E é a partir dos critérios dos Documentos Conciliares, expressos nomeadamente na “Lumen Gentium”, “Gaudium et Spes” e “Perfectae Caritatis”, que as Ordens, Congregações e Institutos de Vida Consagrada, com mais ou menos profundidade, verdade e pertinência, decidiram parar para ver, julgar e agir coerentemente.

O essencial consiste em verificar a finalidade fundamental do carisma dos respectivos Fundadores, e que se crê assiste e dinamiza as próprias Fundações assim como a autenticidade dos meios a utilizar para conseguir a respectiva finalidade de serviço.

Na verdade o autêntico carisma provém do Espírito de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, *cujá finalidade é o bem da Igreja*, enviada a construir o Reino de Deus no Mundo, interessante mas provisório. As diferenças de carisma existem em função da pluralidade de serviços a prestar em cada tempo e situação. Por isso mesmo e tendo em conta a diversidade de necessidades, é natural a liberdade, a diferença, *a criatividade dinâmica em vista da plenitude da caridade*, como vem claramente expresso na I Cor. 13. A complementaridade dos carismas deve verificar-se na unidade do Bem Comum, como membros dum corpo único e sadio, cf. I Cor. 12, 12-26.

8. Do que fica sugerido, parece claro que do pluralismo de carismas surge também a diversidade de teologias, ou seja, das respectivas vivências e interpretações: a reflexão monástica e patrística, com insistência no seguimento mais genuíno ou pelo menos mais fiel da proposta de Jesus; a escolástica insistiu sobretudo na diferença ou “superioridade” da vida consagrada no interior da Igreja; posteriormente valorizou-se o clerical e o missionário.

O Vaticano II recuperou e integra o carisma do seguimento incondicional de Jesus, assumindo os valores escatológicos na perspectiva do Povo de Deus, que deve ter permanentemente uma dimensão pneumática e escatológica.

III. A função profética da vida consagrada em cada tempo e situação geográfica

1. Parece claro e adquirido que para a reflexão, renovação e intervenção pertinente da vida consagrada, não se pode perder de vista a fidelidade a nenhum dos cinco aspectos integrantes e essenciais. Desta fidelidade activa depende a sua verdade ou razão de ser:

- a. O seguimento incondicional de Jesus, tal como o fizeram, sob a acção do Espírito, os Apóstolos, os Mártires e os Fundadores carismáticos. Este aspecto cristológico é a raiz necessária, indispensável e essencial.
- b. A Vida Consagrada surge na Igreja e para a Igreja, a fim de testemunhar claramente os valores definitivos pelo anúncio do Evangelho e denúncia dos pecados do Mundo que desfiguram as Pessoas. A dimensão eclesial deve ser clara em todos os aspectos do seu ser e viver com coerência.
- c. Vivendo no Mundo sem ser do Mundo, deve ser estimulante e cooperante com os que promovem os autênticos valores e solidária com os sem voz e sem vez, denunciando a inverção ou perversão da ordem dos valores humanos e definitivos. A defesa dos valores escatológicos exige uma intervenção profética com força, clarividência e persistência.
- d. A fidelidade ao carisma exige de cada Instituição uma intervenção ajustada aos especiais dons em vista do Bem Comum: a felicidade e a santidade de todos.
- e. A Vida Consagrada deve estar presente à História de modo solidário e comprometido. E deve estar actuante, com lucidez e coragem profética, em vista da verdade da Humanidade.

2. Para viver comunitariamente, “como se visse o invisível” – Heb. 11, 27, o Concílio Vaticano II, com os posteriores desenvolvimentos, propõe insistentemente o aprofundamento cristológico, eclesial, profético, escatológico e histórico das diferentes Famílias religiosas, a fim de conseguirem recuperar, aprofundar e avivar as respectivas características carismáticas e proféticas. E da apurada tomada de consciência das “finalidades intermédias” e respectivos meios adoptados, surgirão as reformula-

ções sociológicas e institucionais, para se tornarem funcionais e ajustadas a cada tempo e circunstância, tendo em conta coerentemente o binómio - fidelidade e inovação, memória e profecia ou seja, a adaptação adequada. Esta revisão, sem tibieza ou ambiguidades, e a respectiva vivência prática sem subterfúgios, exige pois uma constante, atenta e sensata atitude crítica, com a consequente e sadia “revisão de vida” das Instituições de vida consagrada, segundo os critérios propostos por S. Paulo na I Cor. 12,4-5: “Karismata” - o mesmo Espírito com pluralidade de dons; “diakonia” - para a diversidade de ministérios e serviços, mas sendo sempre o mesmo Senhor; “energimata” - com actividades diferentes, mas sendo sempre um só Deus e Pai comum, o que sugere a síntese das diferenças complementares.

3. A “Perfecta Caritatis” no número dois, fornece os critérios da necessária renovação sensata:

- a. Regresso à Verdade do Evangelho;
- b. Ultrapassando as preocupações pragmáticas e acidentadas institucionais, devem voltar à frescura do carisma dos respectivos fundadores;
- c. Exige abertura aos princípios renovadores de toda a comunidade eclesial: estudo sistemático da Bíblia, vivência da Liturgia e da Pastoral Social e Ecuménica;
- d. Atenta leitura e avaliação crítica dos “sinais dos tempos”, manifestados nas encruzilhadas da História, do projecto de Deus. Desta atitude englobante deverá ressurgir uma nítida e apurada mudança qualitativa de vida espiritual. A renovação Institucional, Teológica e Espiritual deveria traduzir-se, como consequência e de modo visível, na qualidade da oração e do trabalho (P.C. 7), nas modalidades da vida apostólica (P.C. 8), na partilha da vida comum e na prática da pobreza (P.C.13,15), no estilo democrático de participação e governo (P.C.4), tomando a peito efectivas modalidades ajustadas da formação inicial e permanente (P.C.18).

Para aprofundar, precisar e urgir esta dinâmica de benéfica renovação, são entre outros, a “Evangelica Testificatio”, de Paulo VI (1971), a “Mutuae Relationes” (1978) e a “Redemptionis Domum” de João Paulo II

(1983), que desenvolvem e concretizam a perspectiva proposta pela “Lumen Gentium”, n.º 44. A profissão dos conselhos evangélicos é um sinal claro que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja – Bispos, Presbíteros e Leigos – a responderem com entusiasmo às exigências da vocação cristã – a santidade; manifesta que os bens futuros se encontram presentes já neste mundo e anuncia a cidade futura, para a qual todo o Povo de Deus caminha; testemunha a vida nova e eterna adquirida pela redenção de Cristo, isto é, a vida segundo o Espírito; prefigura e pré-anuncia a ressurreição futura, ao ser testemunhada a ressurreição de Cristo que é profecia da nossa ressurreição; imita mais de perto e representa na Igreja, o estilo da vida de Cristo, virgem, obediente e pobre, proclama, de modo especial, a elevação do Reino de Deus sobre tudo o que é terreno e as suas exigências de transcendência; revela aos Homens a grandeza do poder de Cristo Glorioso e a acção maravilhosa do Espírito Santo na Igreja. Efectivamente, a “Mutuae Relationes”, nomeadamente nos n.ºs 11, 15 e 16 e 23, retoma e tenta precisar o conteúdo da L.G., insistindo na perspectiva carismática e profética da vida consagrada, tanto dos Fundadores como daqueles que perpetuam e actualizam a respectiva memória de modo colectivo e sempre adaptado e renovado. E tudo foi explicitamente sintetizado no Direito Canónico de 1983 cf. 573 e 674.

IV. Exercício do profetismo hoje, pela vida consagrada

Sobre esta matéria, um aspecto do Vaticano II é apresentado na “Gaudium et Spes”, n.os 33 e 44, em que sugere que Deus manifesta a Sua presença e projecto nos acontecimentos de cada época no desenrolar da História. E o instrumento para executar, distinguir, discernir e avaliar os sinais é a Palavra de Deus, tendo em conta que Cristo “ontem, hoje e amanhã é sempre o mesmo” (cf. Heb. 13, 8) mas os cristãos são sempre diferentes em cada circunstância. E nesses sinais deveremos perceber o projecto de Deus, enquanto devem ser movimentos que, na sua intencionalidade e pelos meios utilizados, concorrem para o efectivo progresso da humanidade. Daí a necessidade de constante confronto ponderado entre a memória e a profecia; para ser fiel ao passado devemos assumir com esclarecimento o presente e projectar corajosamente o futuro. E em cada contexto “a vida consagrada aparece como um sinal claríssimo do Reino dos Céus” (P.C. 1) para o Mundo e a Igreja: “Por ser uma íntima consagração feita a Deus, na Igreja, que manifesta e significa claramente a íntima natureza da vocação cristã” (Ad Gentes, 1, 18).

Como se estrutura esta dinâmica?

1. Sociologicamente não há Igreja sem Pastores, Religiosos e Leigos; e cada um é tanto mais Igreja quanto mais vive de e com Cristo, segundo a vocação que lhe é própria. São diferentes as funções de cada estrutura, mas o fim é o mesmo: a santidade e a felicidade, utilizando diversas e complementares mediações na dinâmica do Povo de Deus, cf. L.G., n.os 43 e 44. O que a todos une é a comum caridade; o que estabelece a distinção funcional são os meios ascéticos para concretizar, de modo estável, os objectivos de cada Instituição, que propõe regras e estilo de partilha de vida.

Todos chamados à santidade, todos têm genuína vocação cristã ou “estados de perfeição”, ainda que com modalidades diversas.

2. Desde o momento do nosso Baptismo, todos somos constituídos como *sacerdotes, reis e profetas*. Germinalmente aí está toda a vida cristã, mas de modo genérico indiferenciado; cada um deverá pois perceber e seguir, lúcida e corajosamente, o chamamento que lhe é próprio, numa das três vias: ministerial, consagrada ou laica que complementarmente estruturam a dinâmica do Povo de Deus, em marcha para o Absoluto. Aqui interessa apontar apenas a *originalidade da vida consagrada* que consiste em ser marcadamente:

- a. Evangélica: *Seguimento incondicional de Jesus Cristo e por sua causa*, optar pelo total evangelismo, imitando Jesus Cristo no estilo de vida: pobre, virgem e obediente;
- b. Pneumática: Uma outra característica marcante da vida consagrada é a vida *segundo o Espírito*, como dom carismático, o que implica uma vida assumida de modo estável em *liberdade consciente* e empenhada;
- c. Profética: O que melhor a torna visível, tanto a partir do Mundo como da própria Igreja, é o seu estilo *profético englobante*, que se traduz em formas claras de *radicalismo evangélico* expresso na *desinstalação*, no *inconformismo* com a marca do risco medido, da *inovação* personalizada no modo ou estilo de ser e de servir;
- d. Escatologia: A *orientação teleológica* da vida humana é que dá sentido e orientação ao que vamos vivendo. Nesta perspectiva, a vida consagrada a sério vive em *permanente e determinante*

tensão escatológica. E isto porque “a causa das causas é a causa final”, ou seja, a constante busca de Deus como *sentido para a totalidade da existência* pessoal e colectiva.

Em vista do fim último, nesta busca contínua do Absoluto, constrói-se o estilo de vida de entrega incondicional. E nisto consiste a realização e a felicidade. E cada um, na sua vocação, ministerial, vida consagrada ou laical, deveria tomar clara consciência de que tudo é dom de Deus e tarefa a assumir em harmoniosa complementaridade, na vivência de intercomunicação e comunhão vital. A especificidade de formas de vida devem traduzir-se na complementaridade de serviços na única Igreja, em que há unidade mas não uniformidade.

3. Assim sendo, à pluralidade de vocações (laical, ministerial e consagrada), à variedade de Instituições, corresponde uma variedade de tarefas, em que todos os papéis, funções e estatutos diferentes, mas complementares, no Povo de Deus em marcha. E nós acreditamos que é animado à moda de um organismo vivo, pelo próprio Espírito Santo, donde brotam as diversas vocações.

É essencial que todos tenham consciência que, de um modo ou de outro, temos um comum *enraizamento antropológico com vocação de trabalhadores* ao serviço do Bem Comum.

Desta situação unificadora resulta que é nossa tarefa comum e solidária, entender, assumir e orientar a totalidade do cosmos. Esta questão do sentido da criação deve ser traduzida numa resposta englobante, teórico-prática que deve ser concretizada numa dimensão também religiosa – na adesão e seguimento de Jesus Cristo. E desta resposta e certa vivência ajustada, surgirão os santos leigos (cf. L.G. 31 e AA2), os santos ministeriais (cf. P.O. 13) e os santos consagrados (cf. L.G. 44), com características diferentes de serviços, de realização pessoal, mas todos animados pela comum caridade.

Quando a vida consagrada, desde o remoto monaquismo e sempre que foi fiel, teve a *característica profética de contestação*, das tentações de legalismo, de instalação, da domesticação ou reconciliação da Igreja com as poderosas e desumanas forças mundanas. Esta oposição e crítica traduziu-se de modos diferentes; mas todos insistem e convergem em testemunhar, com estilos diversos, a dimensão transcendente da vida humana, a dedicação, a inserção e inculturação no mundo de várias formas de pobreza, dos explorados e dos marginalizados. A autenticidade da vida

consagrada e a sua força profética, implicam sempre a simplicidade, o despojamento, a liberdade e a lúcida coragem de “estar no mundo sem ser do mundo”. A atitude de ser pobre e estar incondicionalmente com os sem voz, sem vez e sem sentido, assumindo a sua contra-cultura de marginais, são sinal inequívoco de fidelidade à verdade do Evangelho. Mas tudo isto exige constante auto-avaliação para evitar que o farisaísmo se intrometa onde só deveria brilhar a verdade evangélica.

4. A ponderada *contestação e protesto* proféticos contra doentias formas de estar na vida, não pretendem significar uma negativa atitude de menosprezo pelos valores da criação, originariamente muito boa e que provém da Palavra criadora de Deus (cf. Gen. 1, 4 e 31). São sim uma clara chamada de atenção da frequente destruição dos reais valores da criação e da perda de sentido total da vida humana, por não acolher nem reconhecer a presença de Cristo salvador (cf. Jo. 1, 10 sg.). A “fuga do mundo” deve ser entendida no sentido que S. João atribui às forças do mal organizadas contra a vocação à verdade, à liberdade e à santidade de todos os seres humanos. A vida consagrada deve ser pois uma *proposta estável, visível, crível e libertadora*, o que deve traduzir a intervenção do Espírito que age onde e quando é conveniente (cf. Jo. 3, 8) e faz *surgir na Igreja, para a Igreja e para o Mundo*, pela mediação de Fundadores carismáticos, cujo carisma original acompanha a Vida da Fundação na medida que esta lhe for fiel.

O *inconformismo* ou a “*ruptura cordial*” e certo *distanciamento* em relação ao considerado “meio corrompido” podem ser legítimos e eventualmente obrigatórios. Manter a adequada distância crítica é condição de poder ver, com exactidão, ponderar e julgar com justiça e agir de modo adequado, com lucidez e verdade.

Todavia é importante estar muito atentos para não cair no *farisaísmo elitista* de consagrados ou no *egoísmo grupal* que pode conduzir a nefastas atitudes de *independência* com uma desfocada auto-imagem de grupo de guerrilha, que se auto-marginaliza com uma falsa perspectiva de profetismo balofo enquanto não busca a solidariedade lúcida.

5. Como já foi referido, a *vida consagrada e profética* é, sem lugar para dúvidas, o resultado de intervenção do Espírito Santo, como claramente se pode verificar em múltiplos textos do Vaticano II (cf. L.G. 39, 42, 43, 44; G.S. 38; P.C. 1,2, etc.). E parece que o carisma da vida consagrada surge como dom em vista de determinados serviços a prestar à co-

munidade. Mas é evidente que deve ser a forma e a qualidade de viver que se faz autêntico serviço. O acento deve colocar-se na entrega a viver a comum vida de serviço e não circunscrever ou limitar a vida consagrada a uma “estrutura de serviços” ou a uma benévola organização de voluntariado. Em M.R. 1, 2, 5, 11 e 12 encontramos as modalidades adequadas do relacionamento sadio na vida eclesial, nomeadamente entre os aspectos hierárquicos e os carismáticos. A harmonia não deve resultar de conveniências circunstanciais satisfeitas, mas da comum atenção à intervenção do Espírito em vista do Bem Comum que a todos deve estimular e orientar no respeito pela legítima diferença.

A autêntica vida consagrada será integralmente fiel à sua missão eclesial na medida em que assume o próprio carisma de “família religiosa” na respectiva acção de santificação e evangelização (cf. L.G. 13). E a História regista que os autênticos carismáticos têm lúcida noção dos limites da liberdade, da originalidade, da generosidade e dos riscos a correr sem chegar à ruptura eclesial: eventualmente acordam, fustigam, mas não matam. E quem é realmente fiel ao carisma do Fundador, terá consciência dos limites da audácia e da iniciativa arriscada (cf. M.R. 12). Poderão surgir tensões provisórias na leitura das circunstâncias e diferença na aplicação dos meios; mas a consonância e convergência dos multiformes dons do Espírito conseguem-se pela inserção sem decair na absorção anuladora das diferenças.

Neste aspecto, a correcção fraterna poderá ajudar no discernimento do que é efectivamente carisma ou fantasia, do que é dom do Espírito e o que não passa de tentações de franco atirador vaidoso ou orgulhoso. Para que tudo seja avaliado correctamente há que ser simultaneamente ponderado e corajoso para saber arriscar sem tibieza nem ingenuidade.

6. Aceitando, tanto a nível pessoal como comunitário, a perspectiva de que o profeta é mais incendiário do que bombeiro, ele só será fiel à verdade da missão confiada se tiver plena consciência teórico-prática permanente de vários aspectos, a saber:

- a. Apurada consciência dos próprios limites, estando atento às eventuais tentações de queimar etapas por conta própria, perdendo a consciência de fiel, ajustado e humilde mediador;
- b. A luz de Deus e na Igreja deverá aprofundar a consciência de serviço sem violências despropositadas ou como juiz exterminador;

- c. Não sendo a Hierarquia que comunica os carismas, todavia é ela que, normalmente, deve verificar a respectiva *autenticidade e dar o aval da oportunidade* do exercício dos mesmos. Mas é claro que o detentor da missão carismática tem direito a encontrar na legítima Hierarquia o discernimento e julgamento justo e a tempo e horas (cf. M.R. 12);
- d. Sendo simultaneamente *vigoroso e benévolo*, o exercício da atitude profética deve estar em *constante verificação* da autenticidade da sua missão, tendo em conta os elementos da *fidelidade a Deus* em constante e *profunda comunhão eclesial*, o que eventualmente exigiria *apurada e evangélica paciência* para ser persistente, corajoso e clarividente no exercício dos próprios carismas, tendo em conta a respectiva pluralidade que não admite ruptura, mas antes *estimulação recíproca e convergência* complementar e autêntica.

Recapitulando, diríamos que há uma tríplice expressão da comum santidade e tríplice função de ministérios: hierárquicos, religiosos e laicais. Dos modos de ser e fazer diversos, surgem atitudes pastorais e serviços que devem ser complementares em que todos se respeitam e estimam na respectiva e legítima autonomia na possível harmonia. O que exige permanente atenção, respeito e estimulação de todos porque todos somos servidores do mesmo Senhor.

Recapitulação e Conclusão

Já vai longa a intervenção; quais serão hoje em dia os pontos fracos e os pontos fortes da dinâmica profética da vida consagrada? Parece que há opiniões divergentes, ou pelo menos não coincidentes, acerca desta questão vital. Centraria as questões de modo simplificado:

1. As lamentações daqueles que se auto-rotulam de lúcidos, vão na linha de que a vida consagrada *sofre de atonia* e de *falta de audácia*; teria perdido a capacidade criativa e de iniciativa renovadoras. A tendência geral seria preferentemente a luta pela sobrevivência razoável, tentando responder às necessidades emergentes. De modo mais ou menos explícito, constata-se certa “domesticação” pela pressão do ambiente de *mediocridade consumista e de instalação*, acomodando-se a “política eclesiástica

local”, sem capacidade de discernimento e força proféticas para assumir as posições que seriam as próprias do carisma da Instituição e necessárias para a Igreja e o Mundo, aqui e agora.

2. Para outros, salvaguardando as normais excepções, o panorama seria menos sombrio: para alguns já “se veria a luz no fundo do túnel” e outros navegariam já a sereno ritmo de cruzeiro.

De facto nestes domínios, as simplificações quase nunca correspondem à realidade. Mais do que lamentar-se ou tentar explicar, desculpar ou justificar as situações menos edificantes, em inadequado tom apologético, seria ajustado não cair em simplismos; e que a vida das Pessoas e das Instituições religiosas concorrem e influenciam elementos muito complexos de tipo natural e sobrenatural.

3. Os critérios de verdadeira renovação propostos pelo Concílio Vaticano II ainda continuam válidos e ajustados, a saber: *fidelidade ao Evangelho, fidelidade à intenção dos respectivos Fundadores* e apurada capacidade para *interpretar e responder às características deste tempo*. E tudo isto vivido complementarmente em Igreja acordada e ao serviço do Mundo em busca de sentido e de valores informadores duma política humanista.

Mesmo que surjam eventuais tensões e provisórios conflitos entre as diversas Instituições ou instâncias eclesiais, é importante ultrapassar os *grilhões da rotina, da burocracia e da doentia instalação ou acomodação à mediocridade elegante* que é ferrugem que tudo corrói larvarmente.

Conscientes de que Cristo é o Autor principal da Hierarquia e das legítimas Instituições de vida consagrada, seria normal que todos, sendo fiéis às respectivas funções e missões, encontrassem a convergente harmonia na estimulante, na sadia diferença complementar. Deveria ser uma dialéctica de diferentes que fazem a mesma caminhada.

A vida consagrada, na medida da respectiva fidelidade, será um “sinal qualitativo” e exigente da comum vida de felicidade e santidade, partilhadas na comunidade eclesial, enquanto todos iluminados e animados pelo mesmo Espírito, como membros do Corpo de Cristo.

4. Efectivamente o Profeta não se constitui ou institui a si mesmo: recebendo o carisma do Espírito, necessita da aprovação eclesial; é essencial que a Hierarquia não tente silenciar a voz do Espírito nem que o Profeta desencadeie atitudes de rebelião e ruptura. A eventual tensão entre o Institucional e o Carisma pode e deve ser ocasião de sadia revisão da qualidade na fidelidade a Jesus Cristo.

A *dinâmica profética* das Instituições de vida consagrada é necessária na Igreja, no comum serviço ao Mundo a iluminar e a saber *propôr-lhe soluções alternativas* para ultrapassar os perigos da monótona repetição do vazio, sem sentido e sem alma, sem horizontes, tristemente fechado sobre si mesmo, egoísta e consumista.

5. Na perspectiva em que abordámos a vida consagrada, para se manter fiel e autêntica na *permanente função carismática ou profética*, deve estar simultaneamente atenta ao próprio carisma e aos sinais dos tempos para a pertinente revisão da “norma normata”, na perspectiva da L.G. 44 e P.C. 1, 2 e 3, para dar testemunho comunitário de serviço e empenhamento com a marca de transcendência, desenvolvendo a dinâmica da gratuidade e inovação correctoras do que perturba o pleno desenvolvimento das Pessoas, em caminhada para a perfeição em forma de espiral e com elementos poliédricos.

6. Neste Mundo, em que após a “morte de Deus”, a marca da secularização pública e privada, objectiva e subjectiva, penetrou de forma radical a cultura actual, de modo que vivemos no antropocentrismo racional, portanto sem transcendência, a vida consagrada poderá ter um especial papel profético a desempenhar, testemunhando pela vida concreta e de modo interessante, por sinais explícitos e inteligíveis, a presença do Absoluto e o significado transcendente da Pessoa.

A vida consagrada poderia e deveria ser *presença e esperança* proféticas para este Mundo, pelo testemunho do Amor incondicional e arriscado, pela dedicação aos incrédulos, aos sem voz, sem vez e sem esperança de modo a redescobrir o sentido total da criação na perspectiva do Ap. 1,18.

Esta atitude colectiva, serena e arriscada, de serviço gratuito e livre, sem se apoiar no poder político, económico, científico ou religioso, poderá e deverá ser um testemunho da liberdade não protegida, ou seja, que a Pessoa é liberdade, capacidade de abertura ao Absoluto ou também da sua recusa. A vida consagrada tornar-se-ia assim farol, companhia, profecia e esperança, porque iluminaria o sentido da vida no presente e no futuro, até ao Futuro Absoluto, a verdadeira Escatologia, o sentido para além da História.

Assim, pois, o testemunho de interioridade sadia, de felicidade atenta, de solidariedade estável e de amizade aberta, podem e deveriam ser *sinais, vias para o divino* para quem anda desiludido com as promessas duma cultura que excluiu Deus e que conduziu a vazias frustrações.

Enfim, a vida consagrada a sério pode e deve ser sinal profético e sacramento eficaz no meio do vazio e do medo que provoca o nosso Mundo. Vivendo na fidelidade carismática, que se traduzirá em liberdade responsável, em esperança aberta, em generosidade, disponibilidade e gratuidade, com a devida capacidade para correr os riscos medidos e necessários, a tempo para fazer a vontade de Deus que é servir a Humanidade hoje e aqui, como ela precisa. Para isso, cada vez deverá ser mais interiorizada, mais pobre, mais aculturada, mais interveniente, mais livre e fiel, para ser profética (cf. Mt. 7, 12). E haveria que investir no futuro estimulando vocações simples, lúcidas e generosas.

BERNARDO DOMINGUES, O.P.

A filiação divina como condição transcendental de “representação”

1. Introdução

O conceito soteriológico de *Stellvertretung* (representação) é um conceito muito recorrente em toda a teologia. Como o próprio título indica está em causa toda a problemática soteriológica¹. Por isso julgamos o tema pertinente e actual para este mundo de hoje que é um mundo que anseia por redenção, por salvação. Falar hoje em salvação julgamos essencial. Uma maneira, a nossa, é enveredar pelos caminhos da representação nos quais confluem temas como a divinização, a redenção, a mediação, o sofrimento, a missão, a solidariedade, a recapitulação, a filiação, no fundo a salvação. Ao abordarmos e escolhermos a “filiação divina como condição transcendental de representação” pretendemos ver qual o fundamento, a razão de ser dessa *representação* através da filiação divina, tendo presente que estamos aqui no âmbito da soteriologia. O transcendental tem portanto a ver com a essência do fundamento, o que nos coloca num horizonte inquestionável, impassível de questionamento. Ora, é precisamente este *apriori*, este *arché* que é hoje posto em causa e não pressuposto. Face a isto vemo-nos na necessidade de repropôr de novo a filiação divina como esse horizonte, horizonte esse que é real. E a realidade impõe-se de per si, mas nesta cultura que é a nossa necessita de ser credibilizada, nesta

¹ Da vasta bibliografia sobre este assunto introduzimos apenas a seguinte: HOFFMANN, N. – *Sühne. Zur Theologie der Stellvertretung*, Johannes 1981; PERSON, P. E. – *Representatio Christi. Zur Amtbegriff in der neueren römisch katholischen Theologie*, Göttingen 1966; ULRICH, L. – *Stellvertretung*, in BEINERT, W. (hrsg.) – *Lexikon der katholischen Dogmatik*, Freiburg-Bael-Wien 1988, 479-482.